

- DAS COISAS QUE NUNCA CHEGAM A ACONTECER MAS QUE ESTÃO QUASE LÁ.
- ENCONTREI-TE ASSIM NA RUA EM CIMA DE UM COLCHÃO.
- COMO SE NADA FOSSE.
- DEPOIS FALÁMOS.
- EU IA CORTAR O CABELO.
- ASSIM MUITO CURTO.
- HAVIA UMA FESTA AO PRINCÍPIO DA NOITE E DEPOIS DUAS FESTAS MAIS.
- O ENCONTRO TINHA SIDO FILMADO.
- HAVIA UM PONTO DE VISTA EXTERIOR, UM POUCO AFASTADO.

J. E AS PEDRAS

Cristina Mateus

28 Fevereiro a 28 Março 2015

28 Março, 17h | António Preto conversa com Cristina Mateus

Agradecimentos: Miguel Leal, João Brojo, António Preto



Direção // Manuela Matos Monteiro e João Lafuente

Direção artística // José Maia

Assistente de Galeria / Press Officer // Patrícia Barbosa

Fotografia // Manuela Matos Monteiro e Patrícia Barbosa

Vídeo // João Lafuente e Patrícia Barbosa

Rua de Miraflor n° 159
Campanhã, Porto
929 145 191 - 929 113 431

contacto@espacomira.net
www.facebook.com/espacomirafotografia

Terça a sábado, das 15:00 às 19:00

Entrada Livre!

Impressões em papel, som, baquetas e aço.
2015

Algumas exposições colectivas: 2006 PHOTOESPAÑA 2006, Momentos da vídeo arte portuguesa contemporânea, Conde Duque, Media Lab, Madrid. Teleférico-Cais de Embarque, Teleférico, Guimarães 2007 Paisagem Contemporânea Portuguesa – Riad, Arábia Saudita. “Stream”, White Box, New York, U.S.A. 2008 “Linha do Horizonte: o motivo da paisagem na arte portuguesa contemporânea”, Caixa Cultural, Rio de Janeiro, Brasil. 2009 Casa do Conto, Porto. Projecto Casa Raquel Guimarães, Guimarães 2010 Téléthèque, #5 Encontro Videográfico, Instituto Franco-Português, Lisboa, Port. All mu independent women, Em torno de uma leitura da Novas Cartas Portuguesas, Casa da Esquina, Coimbra, Port. Signos #1, Espaço Gesto, Porto, Port. Se não puder dançar não quero fazer parte desta revolução, Plataforma Revólver, Lisboa, Port. Mono (a propósito do Grupo Cores _GICAPC 1976/78), Círculo de Artes Plásticas de Coimbra, Coimbra. Terraço, Projecto de Filipa Oliveira para a Arte Lisboa 2010, Lisboa, Port. 2011 Circuit, Projecto Obra de Papel (2/24 Fevereiro 20011), Guimarães 2012 Capital Europeia da Cultura. Roads to Whatever, Obras da colecção do CAM, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa. AMIW@VBKÖ – Ou Antes, o que Podem as Palavras? / Or Rather, What Can Words Do? / Oder vielmehr, was können Wörter tun?, Viena, Áustria. 2012 CCC_Collecting Collections and Concepts, Fábrica ASA, Guimarães 2012 Capital Europeia da Cultura 2013 Uma questão de género, 1ª Avenida, Edifício AXA, Porto. Sob o signo de Amadeo. Um século de arte. 30 anos CAM, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa. 2014 O vasto espaço da realidade, Espaço Mira, Porto. Apesar de tudo, ainda se fodia, Maus Hábitos, Porto. Teoria da Pintura, Galeria da AISCA, Viana do Castelo.

<http://www.virose.pt/cm/>

Na fotografia do quarto, o corpo de uma mulher nua sobre o sofá é a temperatura cromática da folha de papel. Foi em outubro ou novembro, era outono. É possível que tenha marcado encontro com Jimmie Durham nesse quarto de hotel em Istambul, entre o ocidente e o oriente. Foi há vinte anos. Bebia-se whisky e talvez se ouvisse Time is on my side, dos The Rolling Stones. Esteve quase toda a noite calada, mas não foi ela quem primeiro apedrejou o frigorífico e o gelo, nos copos, só derreteu de manhã. Pensou que há umas coisas e outras, que há coisas que são outras coisas, que há corpos, cerejas nas árvores e botões nos casacos. Entre o acontecimento e a memória do que aconteceu abre-se, como um abismo, a ambição de impedir que aconteça o que podia ter acontecido. A origem de toda a violência está na incapacidade de esquecer que basta ter podido acontecer para que já tenha acontecido alguma coisa, de alguma maneira. Eis o que seria um trava-línguas se fosse verbalizado. Mas, se as palavras são a imagem da própria reversibilidade, não dá, ao mesmo tempo, para voltar com a palavra atrás. As coisas importantes são quase-ditas, elas estão na ponta da língua, impertinentes, estalam, ardem como aftas. O resto são diálogos e acidentes. Os cruzamentos já eram lugares perigosos antes da invenção dos automóveis, não só porque muitos viajantes neles se perderam ou viram o Diabo, mas porque aí se dá de cara com a possibilidade de mudar de vida. Os viajantes sabem que nunca se deve olhar para trás quando se atravessa a ponte sobre o Bósforo. Um dia acorda-se com quarenta anos.

A história, como a ficção, precisa de antagonistas. Era Margueritte Duras quem devia ter escrito este texto. Nos seus filmes, entre duas paredes, as palavras são o contracampo das imagens. O frente-a-frente numa luta de contrários, nunca totalmente opostos, em que o sim-não parece demasiado lacónico, exiguo: nada de sinónimos nem de antónimos.

No cara-a-cara entre duas paredes, a suspensão do real de que fala Cristina Mateus: a grande pedra abate-se sobre o espaço vazio de onde ninguém pode fugir a ser escravo e senhor de si próprio, gémeo estrangeiro de si mesmo. O inventário infinito das pedras imita a culpa. Dividir por dois a mesma pedra. Há pedras repartidas entre a montanha e o palácio vermelho, pedras de Nevogilde que têm a outra metade em Vila Franca das Naves. Há a antiga voz dos tambores que atravessa os muros e imita, por sua vez, a grande queda. A suspensão acontece no cinema, quando se mergulha numa piscina ou se come uma maçã, numa viagem de avião: é o momento em que percebemos que falhamos e que estamos quase mortos. Tudo sucumbe à lei da gravidade. A pedra atinge o frigorífico. Miguel Ângelo sabia que a escultura é o único meio de despir a pedra, porque a forma não pode ocultar a matéria. Mostrar para esconder, esconder para mostrar. De diferentes maneiras se monta a armadilha onde um dia a presa apanhará o caçador. A maior tentação não é cair na colagem de alusões, é pedir que nos protejam do que desejamos. Nos museus e nas galerias, a mulher está nua e a sua nudez é o segredo da exposição. O erotismo também tem as suas regras e, entre a nudez e a nudez, o striptease é a primeira condição das grandes revelações: “ainda um pouco, e deixareis de me ver; e um pouco mais, e por fim me vereis” (Jo 16, 16-20). As coisas que se dizem ao ouvido podem escrever-se em cartazes. Quem se despe e quer enterrar as roupas usadas, sabe que há uma praia debaixo das pedras da calçada, ou um vulcão. Escrever sobre o que está escrito, correndo o risco de dar erros ou, manifestamente, suspendendo a ortografia e a gramática, encarar o monstro. É preciso matar os professores para fazer a revolução. Sempre às escuras e sem possibilidade de fugir. Depois da última palavra, veio a técnica. Era difícil adormecer Jimmie Durham.

Fevereiro, 2015

Cristina Mateus

Nasceu no Porto em 1968, onde vive.

Exposições individuais: 1994 Grau zero, Galeria Quadrum, Lisboa 1995 Esta é a minha imagem, CAPC, Coimbra 1998 Não digas nada, Galeria Presença, Porto 1999 Political body, Institute of Visual Arts, University of Wisconsin, Milwaukee, U.S.A 2000 Fuga, Galeria Cesar, Lisboa 2001 Posição invertida, Galeria Marta Vidal, Porto 2004 No meio, Galeria Marta Vidal, Porto 2007 Conta-me coisas, Galeria Fernando Santos, Porto. 2008 Imagens caligráficas, IN.TRANSIT # 37, Porto 2013 FLASH Automático, Control Remoto y Resolución de Problemas, Galeria Fernando Santos, Porto. Está em loop?, Pedras e Pêssegos, Porto.